



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

JATIMANE: TRABALHO E SOCIABILIDADE EM UMA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO *

Ms. Maria de Carmem Rodrigues Fernandes
Prof^ª. do Departamento de Pedagogia e Letras da
FACE –Faculdade de Ciências Educacionais. Prof^ª.
Pública do Estado da Bahia.
[E-mail: mcarmemfernandes@hotmail.com](mailto:mcarmemfernandes@hotmail.com)

1. INTRODUÇÃO:

Jatimane é uma comunidade remanescente de quilombo localizada na zona rural do município de Nilo Peçanha, na região do Baixo Sul Baiano. Segundo o mito fundador contado pelos os narradores locais - os guardiões da memória – o lugar teve origem no final do século XIX quando os irmãos Rosário: André, Boaventura, Devoto e Honório, fugindo do cativo, se embrenharam na mata em busca de um abrigo “protetor” para a construção de um assentamento.

O lugar escolhido foi denominado de Porto Velho, mas a necessidade em obter água doce os levou a migrar para uma área mais propícia, onde hoje está situado o arraial de Jatimane. A escolha de um novo espaço, ter-se-ia dado por uma orientação de um índio chamado Mane, que teria feito amizade com os Rosários. Conforme os relatos, Mane criava abelhas do tipo jati, que produz um delicioso mel. Assim, em homenagem ao índio, batizaram o assentamento de Jatimane. Abelhas jati criadas pelo índio Mane.

Neste lugar, envoltos pela floresta tropical os Rosários estabeleceram laços tecidos pelos invisíveis fios da vizinhança e do parentesco consanguíneo. Na prática, estas relações se confundem, “na medida [em] que os vizinhos de um indivíduo qualquer são na maior parte das vezes, seus parentes” (CARVALHO, 1995, p. 201). De uma maneira geral, a vida comunitária é estável, são aproximadamente 396 habitantes, que residem entre as 90 casas existentes na comunidade.

* Este artigo é baseado no 2º capítulo da dissertação “JATIMANE: Um Espaço de Memórias e Manifestações Culturais”- defendido no Mestrado Multidisciplinar em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional, da UNEB Campus V. Trabalho sob orientação da Profa. Dra. Nancy Sento Sé de Assis.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A estratégica localização de Jatimane, em meio da mata, entre o mar/mangue/rio, propiciou aos seus habitantes o desempenho de práticas laborais multifuncionais – um saber que internamente é assumido com um legado deixado pelos mais velhos, uma herança estabelecida entre a cultura e a geografia do lugar, atestando uma relação de participação entre Homem/Natureza, assemelhando-se a uma simbiose entre os reinos animal e vegetal que se materializa com a realização de uma agricultura familiar de subsistência, associada à tradicional atividade extrativista da piaçava - e uma oficial e preponderante atividade pesqueira, que ainda hoje serve como base de sustentação comercial entre o arraial e a circunvizinhança litorânea. Espaços que permitem uma convivência direta com a natureza ao mesmo tempo em que as relações são tecidas e vivenciadas pelos sujeitos.

2. VARIEDADES LABORAIS: Entre a pesca e a piaçava

Discutindo sobre a ideia de herança ancestral, Tierno Bokar (Apud, BÂ, 1982, p.181) afirma que alguns saberes são considerados como “heranças de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer” sendo registrado através da memória dos “guardiões” locais. Saberes que foram transmitidos pela oralidade ou apreendidos por uma observação contínua.

Observando Jatimane, percebe-se uma comunidade remanescente de quilombo que tem suas raízes fincadas na terra, e os saberes frutos de uma herança ancestral que foram preservados e ensinados através do tempo, repassados como “testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra” (VANSINA, 1982, p.157), materializados em um conjunto de práticas culturais, entre elas, a valorização de elementos da natureza, a identificação de determinadas ervas, o plantio de uma determinada lavoura, o tempo certo para a retirada da piaçava, com suas sucessivas etapas de beneficiamento, conhecimentos sobre as tábuas de marés, a orientação astral em que a lua é referência, bem como a necessidade em conhecer o curso das águas, envolvendo o rio/mar.

Os jatimanenses garantem sua sobrevivência com práticas laborais multifuncionais, regidas por uma tradicional divisão sexual de trabalho, pois são eles lavradores/pescadores, e elas catadeiras/marisqueiras, sobrevivendo do extrativismo sustentável da piaçava e da atividade pesqueira. Neste sentido, os dados oficiais



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

afirmam que “a população [de Jatimane] vive da pesca e da extração da piaçava” (SEPLANTEC-PDU, Nilo Peçanha, 2003), funções estas associadas a uma agricultura familiar de subsistência, que ainda hoje serve como base de sustentação comercial entre o arraial e a circunvizinhança.

Segundo esses dados oficiais, a atividade pesqueira é a função laboral de representatividade social do jatimanense, uma atividade “que envolve crianças, jovens, mulheres, homens e idosos nas várias etapas do processo pesqueiro” (CRA, 2004, p.298). Complementando esta informação a Colônia de pesca Z73, da cidade de Nilo Peçanha, tem registrado em seu acervo que em geral os homens e as mulheres são colonizados dedicando-se à pesca e a mariscagem.

Portanto, o jatimanense tem a opção de escolher entre se associar à colônia de pesca ou ao sindicato dos trabalhadores rurais. Em ambos os casos o trabalhador recolhe um percentual mínimo de 2% sobre o salário e tem direito previdenciário. Assim, a escolha em se reconhecer como pescador/marisqueira, ou como lavrador: tirador/catadeira de piaçava é, antes de tudo, uma questão identificação pessoal com a função exercida.

Os relatos que seguem propiciam o entendimento destas variedades laborais. Ao narrar sua luta pela sobrevivência, em Jatimane, D. Josenilda Ferreira do Rosário - mariscadeira de 52 anos- tece um comentário específico sobre a arte de mariscar, ao enunciar:

Dizem que eu sou a marisqueira mais rápida daqui. Mariscar é fácil. Quando a maré é *morta*, que está devagar, é boa para pegar o siri na toca. O siri não anda muito, porque a maré não tem força para alagar o mangue todo, aí eles ficam na beira do mangue, e agente já sabe, vai mariscar na beirada. Mas, quando a maré é grande, maré cheia, você anda o mangue todo e aí se encontra o siri na poça, no buraco, na toca. Pra mim não tem diferença de maré, eu sou rápida vou lá e pego. Mais também pego o caranguejo, o guaiamu, a ostra, o aratu, e ainda pesco. Sem falar, que aqui em Jatimane, todo mundo sabe lidar com a piaçava. (Informação verbal)

Intercambiando suas experiências, a narradora dá uma visão parcial do cardápio local: ostra, guaiamu, caranguejo, aratu, além do peixe. Nesta região, a tainha defumada é uma conhecida especialidade da culinária jatimanense.

Em outro relato a sabedoria popular faz uma tessitura entre a valorização da natureza e das práticas laborais desenvolvidas internamente na comunidade. É o que



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

informa outra moradora local, D. Dilma Assunção do Rosário, aos 50 anos é uma prestigiada quituteira de Jatimane, ela nos conta sobre a relação do jatimanenses com a natureza:

Aprendi com meus antepassados a lidar com a natureza, a natureza é boa deu tudo pra gente. Por muito tempo, nós ficamos praticamente isolados, pra sair [de Jatimane] era de canoa ou andando pelas matas, a gente tinha que viver da natureza, e a natureza deu tudo que a gente precisava. Você veja que planta maravilhosa, a piaçava sempre deu tudo pra gente, as “tiras” com suas fibras e cascas, a gente trabalha e vende, ninguém botou nada lá não, ela nasce sozinha na mata, o coco da piaçava, eu vou dizer... dá trabalho, mas agente faz mingau pra menino, faz canjica. Se você tiver uma dor de cabeça, dor de barriga, um ferimento, o remédio ta aí, tem folha certa pra tudo. Eu acho uma falta de respeito tomar um comprimido, é o mesmo que está renegando tudo que nossos antepassados ensinaram. (Informação verbal).

O relato de D. Dilma inicia reverenciando os conhecimentos adquiridos com os seus antepassados, em seguida, ela faz uma exaltação à natureza que é descrita em suas variadas funções: abrigar, alimentar e curar. A narradora enfatiza o suporte que a natureza dá ao homem do campo. Em seguida faz uma referência aos seus conhecimentos fitoterápicos.

Ao discutir sobre comunidades quilombolas, Carril constatou que, para o homem do campo, a valorização e a utilização dos recursos da natureza constituem a essência do seu modo de vida camponês, em específico a utilização destes recursos com objetivos fitoterápicos. A geógrafa observa que “os remédios caseiros e as ervas medicinais são utilizados tradicionalmente” (2001, p.23), numa prática de medicina popular. Uma observação da autora converge para a constatação de Santos (2005), que analisou os diferentes aspectos da prática popular de cura, no espaço do Recôncavo Baiano, como resultado de um imbricamento cultural, somatório de diversos saberes, principalmente dos costumes de populações negras. Ao pesquisar sobre a comunidade quilombola do Pascoval, no Amazonas, Funes (1996, p.481) afirmou que “remédios para diarreia, dores de cabeça [...] e outros medicamentos contra outros males [eram] extraídos da mata, que representa um grande laboratório farmacêutico, sempre utilizado por essas comunidades”, fazem parte uma medicina popular, característica de populações rurais.

Analisando a narrativa de D. Dilma do Rosário, ela demonstra ser uma boa narradora, seu discurso é de valorização da natureza e dos saberes ensinados pelos



antepassados, um discurso em que os saberes ganham um significado de herança, um bem imaterial, um ensinamento que foi passado através das gerações e faz parte da bagagem cultural da narradora. O seu relato também segue um encadeamento lógico, que termina por suscitar uma discussão necessária sobre esses saberes herdados. Mas, começemos por investigar esta reverência com a piaçaveira, essa “planta maravilhosa”.

A piaçava é uma planta nativa da região e, em Jatimane é uma fonte de sobrevivência. Além disso, a “lida” com a piaçava é um saber que foi tradicionalmente herdado pelas diferentes gerações. Em um estudo recente, sobre a área de manejo da APA do Pratigi, foi constatado que a comunidade de Jatimane, “originada de um antigo quilombo formado no século passado, sempre se apoiou na extração de piaçava e na produção da farinha como forma de sobrevivência” (CRA, 2004, p. 309). No relatório do Plano de Manejo da APA do Pratigi, o CRA afirma ser Jatimane uma comunidade remanescente de quilombo desta região, ao mesmo tempo em que reconhece suas formas econômicas de produção, identificadas como o extrativismo da piaçava e do fabrico de farinha de mandioca.

No caso específico da comunidade de Jatimane, a piaçava, assim como a atividade pesqueira foram os elementos tradicionalmente utilizados nas regulares trocas mercantis, entre os jatimanenses e o seu entorno social. E, internamente, o trabalho com a piaçava é entendido como uma marca culturalmente distintiva para o grupo.

A piaçava ou piçaba é a palmácea nativa, cientificamente denominada por *Palma* ou *Attaba funifera*, uma espécie de planta endêmica, que predomina nesta região sob forma de bosque (CRA, 2004, p. 308). Ao longo do tempo, o processo de extração e processamento desta planta nativa garantiu o sustento dos jatimanenses e estabeleceu uma divisão sexual de papéis.

Nesta atividade, de extração e processamento da piaçaveira, ocorre uma tradicional divisão sexual de funções. Assim o “tirar” e o “apanhar” piçavas são funções masculinas, relacionadas à suposta superioridades de força dos homens, que desenvolvem “o trabalho de corte, enfadamento, amarro e transporte,” (CRA, 2004, p.254) um trabalho artesanal e perigoso, que requer rapidez e habilidade.

Na observação *in loco*, percebe-se que esta é uma atividade de risco, baseada na conservação de técnicas corporais, legado transmitido de uma geração para outra. As imagens que seguem, ajuda-nos a compor o ambiente cultural da atividade de extração

das fibras de piaçava, propiciando uma melhor compreensão desta realidade vivenciada pelos trabalhadores. De forma objetiva, a imagem nº1 congelou um fragmento do transporte dos mondongos de piaçava, enquanto a imagem nº2 retrata a atividade de extração das fibras.



FOTO 1- Transportador de mondongos de piaçava.

FONTE - Acervo da Cooprap, s/d.

FOTOGRAFIA- Eduardo Moody, s/d.



FOTO 2 - Tirador de piaçava.

FONTE- Acervo icnográfico da Cooprap, s/d.

FOTOGRAFIA- Eduardo Moody, s/d.

Depois de concluída a extração em uma árvore, o “tirador” passa para a árvore seguinte. Esta é a parte mais arriscada do trabalho. Com base em sua experiência e destreza, o “tirador”, deita uma ou duas talas da piaçaveira, e como um exímio equilibrista, anda sobre estas talas até a árvore seguinte.

Ao falar sobre o trabalho com a piaçava, o Sr. Nivaldo Rosário, agricultor aposentado de 80 anos, nos diz:

Minha profissão era de lavrador, fui tirador de piaçava, comecei a trabalhar com a idade de seis anos, ia pra mata ajudar a meu pai, aprendi com ele. Com a idadezinha mais avançada, uns 12 anos, já comprei um animal e fui trabalhar por conta própria (...). E hoje, estou aqui forte graças a Deus! Tenho 10 filhos, e os quatro homens são tiradores de piaçava assim como eu, é uma tradição de pai pra filho, vem desde o tempo dos escravos. É uma tradição escrava. (Informação verbal).



No relato de Sr. Nivaldo Rosário fica claro, que dentro de Jatimane, o tradicional trabalho do tirador de piaçava, é uma atividade cultural, um conhecimento que passou de geração em geração. Ao afirmar que “aprendi com meu pai” ou, ainda, ao ratificar que “os quatro filhos homens são tiradores assim como eu”. O narrador apresenta um saber transmitido como herança cultural, que pode ser percebida como uma “forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio”(SANTOS, 1996, p.261).

Continuando a entrevista com o Sr. Nivaldo Rosário, ele ratifica a existência de outra atividade tradicional do lugar, ao afirmar: “pescar aqui todo mundo pesca, não precisa ninguém ensinar, menino cresceu um pouquinho já tá na água, vai mariscando aqui, vai pescando ali, ninguém ensina. Daí a pescar é um pulo”.

Na rememoração de suas lembranças, o narrador comprova suas práticas laborais ao mesmo tempo em que apresenta diferenças na iniciação destas atividades. Segundo o entrevistado, o extrativismo da piaçava é fruto de um ensinamento passado dos mais velhos para os mais moços, enquanto a atividade pesqueira é fruto de um processo de socialização do homem com a natureza, em que a criança aprende de maneira difusa, observando os mais velhos e em contato direto com a água. Esta narrativa também evidencia o drama vivido pelas crianças pobres da zona rural, o menino que começou a ir para mata com o pai desde os seis anos. O que nos leva a crer que esta foi a sua fase de iniciação ao trabalho, pois aos 12 anos já trabalhava por conta própria.

Sabemos que as relações humanas são complexas, estão envoltas em uma teia de significados particulares, um emaranhado cultural, nem sempre fáceis de serem decodificados. Assim, seguindo pistas de Geertz (1990), num processo de observação participada do cotidiano destes trabalhadores da piaçava, encontramos justificativas etnográficas para esta precoce iniciação ao trabalho.

Não se trata simplesmente de uma questão social, e sim, de uma questão moral. Não podemos inserir esta iniciação ao trabalho como uma forma *fria e racional* de cooperação familiar, com finalidade de acentuar a mais valia para a unidade de produção camponesa ou pesqueira. Esta inserção da criança no espaço de trabalho dos pais parece ter uma lógica própria dentro da comunidade, mais que uma forma de aprendizado, este é o espaço de socialização entre os parentes e momento propício para



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

transmissão de valores de uma geração para outra, fortalecendo o ideal de cooperação e a coesão familiar e grupal, bem como o aprendizado de um ofício. Neste sentido, num espaço em que as oportunidades de trabalho são escassas, o sucesso tanto no extrativismo da piaçava, quanto na atividade pesqueira estão diretamente associados à destreza e à habilidade profissionais destes trabalhadores artesanais adquiridas desde a infância.

A piaçava produz várias vezes no ano, e enquanto a natureza recompõe as piaçaveiras na mata do entorno da comunidade, é comum o *tirador* oferecer sua força de trabalho em outras propriedades da região. “No sistema de exploração da piaçava, o dono da terra tanto pode pagar para fazer a coleta como vende ‘no pé’, usando uma expressão regional. Neste caso, considera vantajoso porque ganha o dinheiro e não se envolve com questões trabalhistas” (CRA, 2004, p.342). Na região esta forma de serviço é denominado por “meia”, trata-se de uma contratação informal da mão-de-obra do *tirador* de piaçava, baseado no lucro repartido, ou seja, 50% do produto colhido fica como forma de pagamento da mão-de-obra do *tirador* de piaçava, e os outros 50% do produto colhido fica para o proprietário da terra.

Aqui vale ressaltar que, embora o extrativismo da piaçava seja considerado uma tradição dentro de Jatimane, a pescaria é a atividade de representatividade oficial da comunidade e precursora de um constante comércio com a região circunvizinha, o que nos leva a “reconhecer as divisões do trabalho sobrepostas, num mesmo momento histórico” (SANTOS, 1996, p.109), variedades atividades laborais que se complementam, na luta pela sobrevivência dos jatimanenses.

No tradicional trabalho com a piaçava, verificamos uma divisão sexual de atividade. Assim, após o corte, enfadamento e amarro, a piaçava é transportada para dentro do arraial, e tem início o trabalho de processamento do vegetal. Um segundo momento do trabalho com a piaçava, é a fase do beneficiamento do produto. Uma função feminina, que compreende uma variedade de atividades desempenhadas pelas “catadeiras” e “penteadeiras” de piaçava.

Nesta etapa é realizada a separação limpeza e seleção das fibras da piaçava que são classificadas como de 1ª qualidade (curtinha) e de 2ª qualidade (toco), utilizadas na fabricação de vassouras. O subproduto denominado de casca da piaçava (fita ou pente) vem experimentando um crescimento



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

significativo na demanda, sobretudo regional, para utilização na cobertura de quiosque, (CRA. 0050/7, 2004, p. 254).

Dentro do arraial de Jatimane, o beneficiamento da piaçava é executado em área livre, espaços denominados por *catador*. As maiorias destes catadores estão localizados na beirada do rio, em outros casos, o catador é adaptado a uma área doméstica, um terreiro ou o quintal de uma casa. As catadeiras ganham por produção, em uma atividade que termina por envolver a unidade familiar.

Conforme os relatos, o beneficiamento da piaçava é um processo composto por duas etapas: o *catar* e o *pentear* as fibras da piaçava. Após catar as fibras da piaçava separando-as da casca, tem início a segunda etapa do processo de beneficiamento: a fase de *pentear* as fibras. Nesta etapa, as fibras mais longas são desembaraçadas com um ‘pente’. Um instrumento artesanalmente adaptado para facilitar a execução desta etapa do trabalho. O *catar* e o *pentear* a piaçava são atividades sucessivas de uma mesma função, só após pentear, desembaraçando as fibras, é que o trabalho de beneficiamento está consumado.

As imagens que seguem, utilizadas como “fonte”, complementam a informação, ao nos permitir visualizar o trabalho feminino com a piaçava.



FOTO 3-Penteando piaçava



FOTO 4- Catando piaçava



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

FONTE- Acervo iconográfico do IDES.

FOTOGRAFIA- Eduardo Moody, s/d.

FONTE- Acervo iconográfico do IDES.

FOTOGRAFIA- Eduardo Moody, s/d.

Analisando o somatório das narrativas aqui apresentadas, a recorrência das experiências laborais, com sua multiplicidade de funções, masculinas e femininas, não parecem evocar tristezas. Estas narrativas nos encaminham para a compreensão, de tratar-se de uma dinâmica relação validada por uma tradição cultural materializada no comportamento dos jatimanenses, em sua luta pela sobrevivência.

Por isso, ao trafegarmos pelo campo de uma análise cultural, faz-se necessário observar a magnitude da influência da cultura: “não apenas [na] arte, mas [na] cultural material, não apenas o escrito, mas o oral, não apenas o drama, mais o ritual, não apenas a filosofia, mas as mentalidades das pessoas comuns” (BURKE, 2000, p.247). É justamente na vivência destas pessoas, em seu relacionamento com o real, que os entrevistados demonstraram estar percorrendo um caminho validado pela tradição cultural. Uma cultura de resistência, marcada pela multiplicidade de práticas laborais e a valorização da história e dos recursos naturais, completam o modo de vida camponês, singular aos jatimanenses.

3. OS LUGARES DA SOCIABILIDADE

Segundo *Simmel*, o fenômeno da sociabilidade é percebido a partir de uma existência em grupo, proporcionando um estado de “ser com” que marca “um exercício livre de todos os conteúdos materiais; esse é justamente o fenômeno da sociabilidade” (SIMMEL, 2006, p.60), um ato de interação entre os indivíduos, uma maneira prazerosa de preencher a vida, um momento em que o homem entra em contato com os outros, numa relação de convivência. Essas relações pessoais como atos sociáveis, evidenciam conjuntos de interações, cujo prazer pode estar apenas no ato de interagir.

Nesta perspectiva, dentro da pequena comunidade de Jatimane observamos que a vida social envolve o universo das relações entre a parentela e a vizinhança, o que aumenta a idéia de pertença, tornado mais constante o fluxo das “relações sociais entre si, na forma de obrigações recíprocas, devidas a laços de parentesco e a relação de vizinhança” (CARVALHO, 1995, p.200). Acontecimentos cotidianos que tecem uma rede de sociabilidade mais ampla, proporcionando uma maior integração e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

conviviabilidade entre estes parentes/vizinhos. Seria o que Castel denomina *sociabilidade primária* (Apud, MOTA, 2005, p.66), elemento aglutinador de pequenas comunidades camponesas. Portanto, tendo em vista a satisfação que a sociabilidade pode proporcionar aos parentes/vizinhos, membros da comunidade de Jatimane, este fenômeno social pode ser detectado em vários espaços, inclusive nas águas do rio.

O rio Jatimane “corta” ao meio a geografia do lugar. E, de forma metafórica, os mais velhos referem-se a estas águas com a expressão “a água é a vida de Jatimane”. Uma metáfora que resume a importância da água para a comunidade, pois, vem garantindo a sobrevivência destes sujeitos históricos, através da atividade pesqueira. Além disso, as águas do rio também são espaço de socialização, freqüentado cotidianamente pelas crianças, que se banham e brincam em suas águas, enquanto suas mães beneficiam a piaçava, em uma área próxima às suas margens. Também nos finais de semana e nos feriados, às águas do rio, bem como suas cachoeiras, tornam-se ponto de encontro de homens, mulheres e crianças. Em período de férias, esse espaço é socializado também pelos veranistas que, ao retornarem das praias da redondeza, procuram a cachoeira para se banharem.

O rio como espaço de interação, onde são tecidas relações de trabalho e de sociabilidades entre os jatimanenses, tem a particularidade local de promover uma interação do homem com a natureza. Ao indicar a localização da cachoeira mais utilizada para a ludicidade dos banhos, o Sr. João Palmeira, um jatimanense aposentado diz:

Daqui de minha casa você vai em frente, cruza a ponte e segue pela beira do rio, mais adiante, no Porto de Leonor, você vê uma clareira, é o lugar em que a meninada joga bola, você segue pela clareira, entra em uma trilha que tem na mata, e aí você retoma a beira do rio, na segunda clareira é a cachoeira, você vai gostar, lá é bonito. Quem vai até lá gosta! (Informação verbal).

De maneira positivada, o informante apresenta a cachoeira, denominada como “Sonrisal,” e faz sua localização. Um caminho percorrido entre a beira do rio, o porto, e as clareiras na mata. Portanto, um lugar exótico, protegido pela natureza, um espaço bonito, que têm a cachoeira como atrativo, tornando-se ponto de encontro e um local de sociabilidade. Afinal, muitos são os conteúdos que proporcionam uma forma de



sociabilidade, “na qual os indivíduos, em razão de seus interesses [se] desenvolvem conjuntamente” (SIMMEL, 2006, p.61).

Na perspectiva *simmeliana* o fenômeno mais típico da sociabilidade é a conversa, “na vida sociável, o discurso se torna um fim em si mesmo [...] na conversa puramente sociável o assunto é somente o suporte indispensável do estímulo desenvolvido pelo intercâmbio vivo de discurso” (2006, p.75). A conversa, como fenômeno típico da sociabilização acontece em vários espaços dentro da comunidade, em geral as pessoas passam o dia livre a conversar com os parentes, nos mais variados espaços. Nas manhãs de domingos, feriados e dias santificados, um dos pontos de encontro é a igreja, freqüentada não só para rezar, como também para saudar os santos, arrumar o altar, combinar a próxima leitura do evangelho, e também para a conversação.

Focalizando a satisfação que o exercício da conversação pode proporcionar aos membros da comunidade, percebemos neste bate-papo, que acontece no espaço público do quiosque uma forma legítima da sociabilidade *simmeliana*. O quiosque é um espaço livre, guarnecido por uma cobertura feita com os *pentas de piaçava*, fica localizado no meio do único largo que tem no arraial. No centro do quiosque, duas pequenas mesas de madeira e pedaços de troncos envernizados, improvisando assentos, que compõem o mobiliário daquela espécie de rústico coreto. Este é o ponto de encontro, não só para conversar, mais também para jogar dominó, ou apenas apreciar o canto dos passarinhos. É freqüentado por pessoas de todas as idades, os mais jovens, em sua hora de folga os aposentados, nos mais variados horários. Um assíduo freqüentador deste espaço é o aposentado de 87 anos, o Sr. Eustáquio Francisco Damasceno, que nos diz:

Toda manhã, depois do café eu vou à igreja agradecer ao meu Bom Jesus da Lapa, por eu estar vivo e com saúde. Quando volto, sento aqui pra descansar as pernas, quentá o sol, e conversar com os parentes, aqui todo mundo é parente, quem não tem o mesmo sangue, é parente de contra-travessa, [...] é casado com um dos parentes. Aqui, agente fica aqui jogando conversa fora. Agora, tem dias que eu não estou pra conversa não, sento aqui só mesmo pra quentá o sol! (Informação verbal).

A narrativa aponta o processo de sociabilidade desfrutado cotidianamente pelos moradores locais, como o Sr. Eustáquio Damasceno, que admite freqüentar regularmente o coreto, mesmo quando não quer conversar. De acordo com o conceito de sociabilidade de Simmel, aí está a idéia do “ser com”, em que a sociabilidade como



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

fenômeno mais puro, é aquela interação que ocorre entre os iguais (2006, p.60). Portanto, mesmo sem querer conversar, o narrador tem satisfação em estar junto com os seus.

Os relatos apresentados evidenciam as relações tecidas pelos jatimanenses num processo de interação que envolve a comunidade fortalecendo os invisíveis fios das relações vicinais e de parentesco.

4. CONCLUSÃO

A cultura como um conjunto de manifestações transmitidas através das gerações, pode ser percebida como um legado que o indivíduo adquire em uma teia social, envolvendo bens materiais e imateriais que consubstanciam as práticas humanas e suas inovações.

De maneira mais ampla, é forte a relação dos jatimanenses com a natureza o que pode ser explicada pela questão cultural associada à luta pela sobrevivência. De forma específica, a metáfora *a água é a vida de Jatimane* pode ser ampliada para *a natureza é a vida de Jatimane*, uma vez que se adaptando a estes espaços, eles extraem da natureza recursos para suas variadas atividades laborais ao mesmo tempo em que utilizam estes espaços como locais de sociabilidades: o lugar da conversa, das brincadeiras, do encontro, do “estar com”, do avivamento da pertença, formando uma rede de interação destes parentes/vizinhos, caracterizando o jeito de viver dos jatimanenses.

5-FONTES:

ORAIS

Dilma Assunção do Rosário, 50 anos, natural de Jatimane, quituteira local. Entrevista concedida a autora. Jatimane: Nilo Peçanha-Bahia.

Eustáquio Francisco Damasceno: 87 anos, nascido em Jatimane, é neto de Rufino Rosário, conhecido como “Devoto” um dos quatro irmãos que teria “levantado” o sítio de Jatimane. Entrevista concedida a autora. Jatimane:Nilo Peçanha-Bahia.

João Palmeira da Conceição, 78 anos, aposentado, morador de Jatimane. Entrevista concedida a Maria de Carmem Rodrigues Fernandes. Nilo Peçanha-Bahia.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Josenilda Ferreira do Rosário: Natural de Jatimane, 52 anos, viúva, marisqueira e catadora de piaçava. Entrevista concedida a Maria de Carmem Rodrigues Fernandes. Jatimane: Nilo Peçanha-Bahia.

Nivaldo do Rosário, 80 anos, morador de Jatimane, tirador de piaçava aposentado. Entrevista concedida a Maria de Carmem Rodrigues Fernandes. Jatimane: Nilo Peçanha-Bahia.

ESCRITAS

CRA. Centro de Recursos Ambientais. Plano de Manejo- Ecológico –Econômico. **Plano de Gestão, 0050/7.** Salvador, 2004.

SEPLANTEC- PDU - Plano de Desenvolvimento Urbano de Nilo Peçanha. **Relatório II.** Bahia: Salvador, 21 de ago. de 2003.

BIBLIOGRÁFICAS

BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. In: _____. **A tradição oral e suas metodologias.** Jan Vansina: São Paulo. Ática/Unesco, 1982.

BURKE. Peter. **Variedades de história cultural.** Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2000.

CARVALHO, José Jorge de (Org). **O Quilombo do Rio das Rãs: Histórias, Tradições, Lutas.** Salvador: EDUFBA, 1995.

CARRIL, Lourdes. **Terras de negros: herança de quilombos.** São Paulo: Scipione, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1990.

FUNES, Eurípedes A. Nasci nas matas, nunca tive Senhor. História e memória dos mocambos do baixo Amazonas. In: **Liberdade por um fio: História dos Quilombos no Brasil.** São Paulo: Cia de Letras, 1996. p. 481.

GOMES. Flávio. **A Hidra e o pântano: mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil,** (SéculosXVII-XIX). São Paulo, UNESP, 2005.

MOTA, Dalva Maria da. **Trabalho e sociabilidade em espaços rurais.** Fortaleza. Banco do Nordeste, 2005.

SANTOS, Milton. O lugar e o cotidiano. In: _____. **A Natureza do Espaço. Técnica e tempo. Razão e Emoção.** São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

SANTOS, Denílson Lessa. **Nas Encruzilhadas da Cura.** Crença, saberes e diferentes práticas curativas. Santo Antônio de Jesus- Recôncavo Sul- Bahia (1940-1980). Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2005.

SIMMEL, Georg. **Questões Fundamentais da Sociologia:** indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.